

## **(RE)IMAGINANDO A ARQUITETURA ESCOLAR: TRANSFORMANDO ESPAÇOS NÃO CONVENCIONAIS PARA NOVAS VIVÊNCIAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Ana Caroline Pinto dos Santos<sup>1</sup>  
Manoela de Castro Marques Ribeiro<sup>2</sup>  
Laiza Maria Freitas Almeida<sup>3</sup>  
Luiz Sanches Neto<sup>4</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho relata uma experiência educacional vivenciada em uma Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP) no Ceará, através do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), no subprojeto de educação física. O objetivo é apresentar formas de superar a falta de infraestrutura adequada para as aulas de Educação Física, aproveitando espaços não convencionais na escola. Inicialmente, o trabalho apresenta a importância da educação física na formação integral dos estudantes, conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), mas ressalta a carência de infraestrutura em muitas escolas públicas brasileiras. A escola em questão tinha uma quadra poliesportiva, porém, com problemas na cobertura, o que a torna inutilizável em dias de chuva. Para contornar essa limitação, os/as bolsistas imaginaram os espaços da escola, adaptando áreas como corredores, estacionamento e até mesmo utilizando uma mangueira de incêndio furada como fita de slackline. Foram introduzidas práticas corporais de aventura, como parkour, slackline e corrida de orientação, ampliando o repertório de práticas corporais dos/as alunos/as. Essa abordagem aumentou o engajamento dos/as estudantes, pois as práticas eram novas e fugiam das práticas esportivas tradicionais. Em conclusão, destaca-se a importância de reimaginar os espaços escolares para proporcionar uma educação física mais variada e motivadora. Além disso, ressalta a necessidade de lutar por infraestrutura adequada nas escolas públicas para que essas práticas se tornem uma realidade mais ampla. A experiência demonstra como a criatividade e a adaptação podem enriquecer o ensino da educação física, motivando os/as alunos/as a se envolverem ativamente nas aulas.

**Palavras-chave:** Arquitetura Escolar, Educação Física, Espaços, Práticas Corporais.

### **INTRODUÇÃO**

Este relato aborda uma experiência vivenciada em uma Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP), no estado do Ceará, proporcionada pelo Programa Institucional de Bolsas

---

<sup>1</sup> Licencianda em Educação Física e bolsista do Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES) em Educação Física na Universidade Federal do Ceará-UFC, anacarolineps@ufc.alu.br;

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional/ProEF na Universidade Federal Ceará - UFC, manoelaribeiro86@hotmail.com;

<sup>3</sup> Licencianda em Educação Física e bolsista do Programa Residência Pedagógica (RP/CAPES) em Educação Física na Universidade Federal do Ceará - UFC, laizamfreitas5155@gmail.com;

<sup>4</sup> Professor Doutor do Instituto de Educação Física e Esportes-IEFEs e do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional/ProEF na Universidade Federal do Ceará-UFC. luizsanchesneto@ufc.br

de Iniciação à Docência (PIBID) da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), no subprojeto de Educação Física, sendo acompanhada pela professora-supervisora na escola-campo.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a Educação Física é um componente curricular obrigatório na educação básica e tem como objetivo desenvolver nos/as estudantes habilidades físicas, cognitivas, afetivas e sociais, contribuindo para a sua formação integral como cidadãs/os críticos/as e conscientes (BRASIL, 2018). Segundo o mesmo documento, a Educação Física deve proporcionar aos/às estudantes experiências diversificadas, oportunidades para explorar e conhecer diferentes modalidades esportivas e práticas corporais, além de desenvolver a consciência corporal, a autonomia e a cooperação. Desta forma, espera-se que as escolas possuam ambientes adequados para proporcionar às/aos alunas/os uma vivência de acordo com a proposta pela BNCC. No entanto, a realidade em muitas escolas públicas brasileiras é bem diferente. Muitas vezes, a ausência desses espaços compromete a qualidade do ensino e da aprendizagem de Educação Física, sendo apontada como motivo de desmotivação para professoras/es. Além disso, a falta de infraestrutura adequada também pode desestimular as/os alunas/os a participarem das aulas de Educação Física na escola (Carvalho, 2016; Cunha, 2022, Prandina e Santos, 2017).

De acordo com a Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc), a partir de 2010, todas as EEEP inauguradas no Ceará foram construídas segundo os padrões arquitetônicos definidos pelo Ministério da Educação (MEC), isso inclui uma quadra poliesportiva coberta em cada uma das escolas inauguradas, sendo a quadra o local destinado para a realização das aulas práticas de educação física. Por meio de quadras com boa estrutura, os/as alunos/as têm a oportunidade de vivenciar outras manifestações corporais, permitindo assim que compreendam uma visão holística relacionada à cultura corporal criada pelo ser humano (Viana *et al.*, 2020). A escola-campo que faz parte deste relato possui uma quadra poliesportiva, entretanto sua cobertura apresenta problemas. Neste caso, em dias de chuva torna-se inviável ministrar aulas na quadra, pelo fato de haver falhas estruturais para a drenagem da água da chuva, a qual se concentra no espaço da quadra, molhando grande parte do chão e tornando-o escorregadio, o que já resultou em quedas de alunos/as.

Arrais e Ricca (2017) afirmam que a questão da arquitetura escolar foi deixada de lado, tanto no processo formativo dos/as arquitetos, quanto no processo formativo dos/as educadores/as, e que a arquitetura escolar tem um vínculo direto com o currículo. Essas duas afirmações são importantes para entendermos a importância da arquitetura escolar para a educação física, e o porquê precisamos imaginá-la atualmente em nosso contexto escolar. Na

escola-campo deste relato, o único espaço originalmente destinado para as aulas práticas de educação física é a quadra poliesportiva e, como visto anteriormente, segundo o documento normativo, a educação física deve proporcionar experiências diversificadas para as/os alunas/os. Uma observação interessante que podemos fazer é a de que a quadra poliesportiva carrega em si delimitações de quatro modalidades, sendo elas a modalidade de futsal, handebol, basquete e vôlei. Neste contexto, podemos refletir sobre como a quadra também é na escola um espaço muitas vezes reimaginado para que outras práticas corporais que não compreendem as práticas delimitadas, possam acontecer. Além disso, existe uma “periferia da quadra” que frequentemente é ignorada (Oliveira, 2014).

Vasconcelos e Maknamara (2020) relatam que a arquitetura escolar, por si mesma, afirma-se currículo. Podemos, dessa forma, visualizar limitações curriculares intrínsecas influenciadas pelo currículo da arquitetura escolar, como a repetitividade das práticas hegemônicas nas aulas de educação, por exemplo. Mas se a quadra – que já é um espaço adaptado para aulas de outras práticas corporais – não está disponível ou não existe na escola, como poderiam as/os professoras/es ministrar aulas práticas de conteúdos curriculares que não são abrangidos na arquitetura escolar?

Para driblar essas limitações é necessário criar possibilidades. Este trabalho propõe reimaginar a arquitetura escolar e os espaços na escola, que mesmo não sendo originalmente pensados para as aulas de educação física, podem ser utilizados para vivenciar diferentes práticas corporais. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é apresentar como se deu o processo de reimaginar espaços em uma escola de ensino médio profissionalizante do estado do Ceará, para tornar possível a experimentação de novas práticas corporais e trazer reflexões sobre a relação espaço-curriculo na educação física.

Os conteúdos que foram escolhidos para serem ministrados foram relacionados a práticas corporais de aventura (PCA), especificamente *parkour*, *slackline* e corrida de orientação, sendo os objetivos dessas aulas, apresentar as PCA para os/as alunos/as e garantir que eles/as vivenciassem essas práticas nas aulas. Segundo Sehn e Neuenfeldt (2022), o ensino das PCA nas aulas de Educação Física contribui para uma quebra no processo de esportivização no ensino com foco nos esportes coletivos.

## **METODOLOGIA**

Como forma de introduzir as PCA para os/as alunos/as, iniciamos a apresentação de alguns conceitos, e alguns exemplos de PCA que seriam trabalhadas na escola naquele bimestre,

também foram apresentadas outras práticas que não poderiam ser realizadas nos bimestres, por conta do curto tempo para trabalhar com todas, mas que ficaram como possibilidade para os próximos, como por exemplo, o *kitesurf* e arvorismo. A apresentação ocorreu em aula ministrada em sala de aula, com o uso de projetor, *notebook* e *slides* preparados pela professora-supervisora com o auxílio dos/das bolsistas/as.

Para realizar as aulas práticas dos conteúdos planejados para o ano letivo foi necessário um reconhecimento dos espaços da escola, dessa forma, iniciamos uma caminhada pela escola, com o objetivo de dar novos significados aos espaços que estávamos observando. Passamos por diversas partes da escola, dos corredores das salas ao estacionamento da escola, onde encontramos muros, corrimões, degraus, bancos, árvores e outros elementos, que poderiam ser ressignificados para as aulas que seriam ministradas.

Iniciamos testes nos espaços, analisamos quais estruturas poderíamos utilizar com segurança e pensamos no que precisaríamos acrescentar nos ambientes, dentre os materiais utilizados para compor os espaços, um deles, também ressignificado, foi a fita do *slackline*. A fita, que na verdade, era uma mangueira de incêndio furada da escola, que não tinha mais utilidade para o que ela foi projetada para fazer, mas foi aproveitada para essa nova atividade. A fita foi amarrada entre uma árvore e um poste sem energia na escola, e testada pelos/pelas bolsistas do PIBID e professores/as da escola, diversas vezes, para garantir que era seguro para os/as alunos/as. A prática ocorreu com todas as turmas dos terceiros anos da escola, durante a prática os/as alunos/as tiveram auxílio dos/as bolsistas e da professora-supervisora. Não ocorreu nenhum problema referente a estrutura improvisada utilizada para a realização das aulas. Um registro da atividade pode ser visualizado nas imagens abaixo.



Fonte: arquivo pessoal das/os autoras/es



Fonte: arquivo pessoal das/os autoras/es

Outra prática realizada na escola foi o *parkour*. Para essa prática, diversos espaços foram utilizados, entre eles, tivemos o uso de corrimãos e do palco do anfiteatro da escola. Para essa atividade, compomos o ambiente com tatames, para que os/as alunos/as não se machucassem nos movimentos feitos em contato com o chão, e nem se machucassem na aterrissagem. Em todas as estações de movimentos havia um/uma bolsista ou a própria professora-supervisora, para dar orientações aos/às alunos/as, para manter a segurança de todos/as que estavam realizando a aula. Novamente, antes da utilização dos espaços pelos/as alunos/as, o ambiente foi testado pelos/as bolsistas e alguns/mas professores/as. Não ocorreram incidentes com os/as alunos/as durante a prática. Entretanto, uma das professoras da escola quis participar de uma das aulas e ao ultrapassar um corrimão, acabou machucando o tornozelo na aterrissagem, mas logo em seguida foi socorrida e está bem. O incidente não ocorreu por problemas nas estruturas. Alguns registros dessas atividades podem ser visualizados nas imagens abaixo, onde é possível observar um aluno e uma aluna realizando uma ultrapassagem por um corrimão da escola, um rolamento sob o palco do anfiteatro da escola, com o auxílio de alguns tatames no chão.



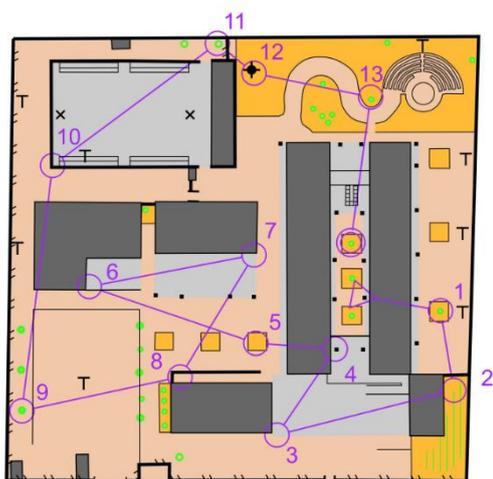
Fonte: arquivo pessoal das/os autoras/es



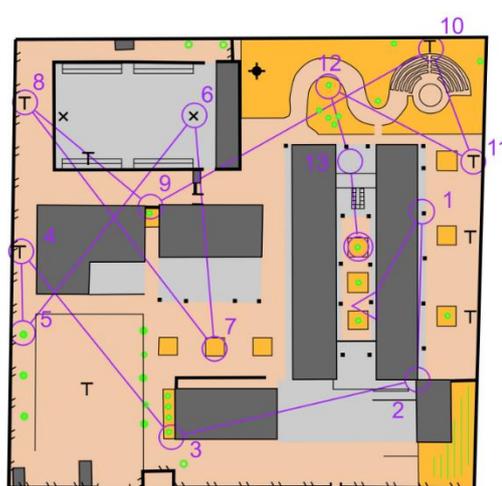
Fonte: arquivo pessoal das/os autoras/es

Para a corrida de orientação, foram produzidos mapas com percursos no ambiente da escola, com pontos demarcados em números. Em cada ponto havia um cone que servia como referência de qual ponto do mapa os/as alunos/as se encontravam no momento. A corrida de orientação, normalmente ocorre em parques e florestas e montanhas, foi adaptada aos ambientes da escola. Aproveitamos espaços não ocupados da escola, que deveria servir como área de socialização, nas laterais, mas que não é um espaço utilizado e acabou por ser esquecido no ambiente escolar. A atividade foi feita em equipe e os/as alunos/as utilizaram o mapa para se

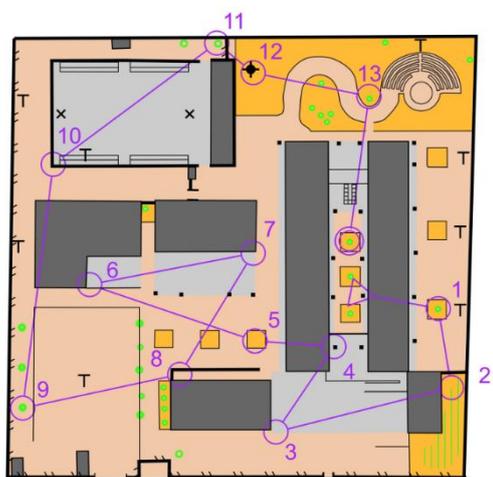
orientar na corrida pelos ambientes. Assim como as demais práticas trabalhadas, os/as bolsistas e alguns/mas professores/as testaram o percurso antes dos/os alunos/as. Durante as aulas não ocorreu nenhum incidente relacionado aos espaços utilizados e todos/as que participaram concluíram a corrida com êxito. Abaixo estão disponíveis as imagens dos quatro percursos pensados para a realização dessas aulas, onde é possível visualizar uma planta baixa da escola e os pontos demarcados com suas devidas numerações.



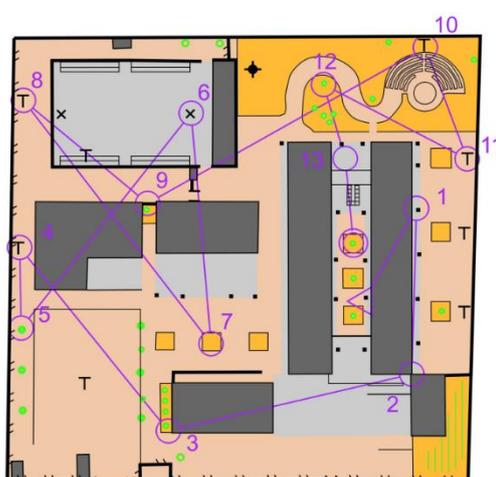
Fonte: Mapeado por Luiz Guilherme M. Melo



Fonte: Mapeado por Luiz Guilherme M. Melo



Fonte: Mapeado por Luiz Guilherme M. Melo



Fonte: Mapeado por Luiz Guilherme M. Melo

Os/As alunos/as participaram em equipes de 5 a 6 pessoas, e tinham que passar pelos pontos juntos, de forma que não se separassem. Para isso, utilizaram cordas para todos/as segurarem durante a corrida e se manterem em equipe. Ao final, a equipe que terminasse o percurso primeiro ganharia uma caixa de chocolates, o que serviu de motivação para os/as alunos/as, fazendo com que eles/as participassem mais ativamente da atividade proposta.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades propostas, e que foram trabalhadas na escola deste relato, não faziam parte do planejamento arquitetônico da escola, apesar de fazerem parte dos conteúdos abordados nas aulas de educação física. Entretanto, com o auxílio de alguns/as bolsistas e professores/as, tornou-se possível realizar essas aulas em espaços não convencionais, tornando elementos da arquitetura escolar pensados para outros planos de necessidade, em possibilidades, para trazer para as aulas de educação física – de forma mais direta, para os/as alunos/as – novas vivências corporais. (Re)imaginando os espaços e elementos presentes no ambiente escolar, e proporcionando uma alternativa às fatigantes aulas repetitivas de práticas esportivas na quadra da escola, que comumente são vistas como única opção, pela estrutura fornecida.

A participação dos/as alunos/as foi um destaque positivo nessa experiência, não apenas a participação, mas a motivação deles/as durante as aulas. Lourenço (2010) afirma que a motivação no ambiente escolar é avaliada como sendo algo determinante para o nível e a qualidade da aprendizagem e do desempenho no contexto escolar, envolvido no processo de aprendizagem. Tanto pela percepção dos/as alunos/as quanto dos/as professores/as, a proposta de novas práticas nas aulas, aumentou o engajamento nas aulas e trouxe uma motivação maior para participar das aulas práticas, já que era prática nova para todos os/as alunos/as.

De acordo com Lamana (2023), o descontentamento por parte dos/as alunos/as nas aulas de educação física na escola, pode estar atrelada ao fato de que práticas corporais em geral sofrem certa “esportivização”, devido à valorização que a sociedade em que vivemos concede ao esporte. E segundo Pazinato *et al.* (2023), o conhecimento prévio dos/as alunos/as sobre determinados esportes afeta muito o interesse em praticar essas atividades na escola, pois eles/as não estão dispostos a praticar determinados esportes, porque sentem que não possuem habilidades necessárias e seus resultados muitas vezes são insatisfatórios. Dessa forma, o engajamento dos/as alunos/as nas aulas pode ter ocorrido pelo fato das PCA serem um conteúdo novo para todos/as, fugindo das práticas hegemônicas e aproximando os/as alunos/as das aulas.

Esperamos que novos trabalhos com essa temática sejam produzidos, contribuindo para que educadores/as possam compartilhar experiências no ambiente escolar, que tiveram ou não bons resultados, replicando a experiência em outras escolas, a fim de melhorarmos a nossa prática docente, contribuindo para aulas mais atrativas e motivantes para os/as estudantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação física escolar tem a função de proporcionar aos/às alunos/as a possibilidade de vivenciar diversas práticas corporais, para que criem seu próprio repertório pessoal, e escolham uma ou mais práticas corporais para praticarem durante suas vidas. Neste contexto, “(re)imaginar” o ambiente, ressignificando elementos e espaços, por meio de um olhar de possibilidades, contribuem para garantir o direito das/os alunas/os a vivenciar novas práticas corporais. Contudo, não se pode deixar de lado a importância de se lutar por espaços planejados para a diversidade de práticas corporais nas escolas, de forma que em algum momento a arquitetura escolar – que muitas vezes precisa ser (re)imaginada por professoras/es e alunas/os – passe a se reinventada e torne-se uma realidade nas escolas públicas do nosso país.

## REFERÊNCIAS

ARRAIS NETO, E.; RICCA, D. E. P.; SOUZA, R. P. DE. Arquitetura escolar: currículo ou curral?. **Revista Labor**, v. 1, n. 16, p. 137 - 151, 15 mar. 2017. Disponível em: [revistalabor.ufc.br](http://revistalabor.ufc.br) . Acesso em: 24 set. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CARVALHO, L. C. V. DE. Fatores para a motivação ou desmotivação à participação nas aulas de Educação Física. **RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 7, n. 27, p. 548-553, 25 jan. 2016. Disponível em: <http://www.rbff.com.br> . Acesso em: 20 set. 2023.

CUNHA, R. A desmotivação dos alunos do ensino médio nas aulas de Educação Física: revisão de literatura. 2022. 39f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Educação Física e Dança, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br>. Acesso em: 20 set. 2023.

LAMANA, J. F. M. A tematização dos jogos na Educação Física junto aos anos finais do Ensino Fundamental. 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br>. Acesso em: 23 set. 2023.

LOURENÇO, A. A.; PAIVA, M. O. A. DE. A motivação escolar e o processo de aprendizagem.

Ciências & Cognição, v. 15, n. 2, 9 ago. 2010.

Disponível em: <https://www.cienciaecognicao.org>. Acesso em: 25 set. 2023.

OLIVEIRA, R. C.; DAOLIO, J. Na “periferia” da quadra: Educação Física, cultura e sociabilidade na escola. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 25, n. 2, p. 237–254, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br>. Acesso em: 08 out. 2023.

PAZINATO DUTRA, R. *et al.* Desmotivação nas aulas de educação física, segundo os estudantes do 9º ano do ensino fundamental. **Revista Didática Sistêmica**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 70–78, 2017. Disponível em: <https://periodicos.furg.br>. Acesso em: 29 set. 2023.

PRANDINA, M. Z.; SANTOS, M. de L. dos. A Educação Física escolar e as principais dificuldades apontadas por professores da área. **Horizontes - Revista de Educação ISSN 2318-1540**, [S. l.], v. 4, n. 8, p. 99–114, 2017. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br>. Acesso em: 23 set. 2023.

SEHN, A. I.; NEUENFELDT, D. J. Práticas corporais de aventura na educação física escolar: o que os professores têm a dizer?. **Revista Destaques Acadêmicos**, v. 14, n. 2, 2022. Disponível em: <http://www.univates.br/revistas>. Acesso em: 25 set. 2023.

VASCONCELOS, HMT; MAKNAMARA, M. Arquitetura e educação: a arquitetura escolar como elemento dos espaços escolares. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 7, pág. e106973986, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i7.3986. Disponível em: <https://rsdjournal.org>. Acesso em: 24 set. 2023.

VIANA V. N. *et al.* Quadras de esportes em condições de uso adequado no Brasil: influência no ensino-aprendizagem nas aulas de Educação Física (2015). **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, e239985704, 2020 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409. Disponível em: <https://rsdjournal.org>. Acesso em: 25 set. 2023.